

PATUÁ É REZA FORTE: COMUNICAÇÃO E MEMÓRIA COMO FEITIÇO DE RETORNO¹

Thaís LIRA²

Lucas COELHO³

Universidade Federal da Paraíba -UFPB

RESUMO

Trata-se de uma pesquisa interdisciplinar envolvendo as áreas de comunicação, antropologia e literatura que pretende recompor memórias afrodiaspóricas e originárias acerca do simbolismo do patuá, baseada nas práticas de proteção e resistência utilizadas por povos negros e indígenas do nordeste brasileiro. A partir do método autoetnográfico e do audiovisual, visa contribuir para a compreensão coletiva de relações interculturais e identitárias, assumindo uma comunicação contracolonial de retomada de saberes ancestrais de povos historicamente perseguidos pelas políticas de esquecimento e de morte sustentadas por uma sociedade capitalista e enraizada no pensamento colonial, gerador do antropoceno.

PALAVRAS- CHAVE

Patuá; memórias afrodiaspóricas; comunicação contracolonial; resistência; saberes ancestrais

INTRODUÇÃO

Uma das singularidades da comunicação está no seu papel documental de registro que é essencial para a cultivação de memórias, documentação e divulgação de informações e saberes importantes para o bem viver coletivo. Quando este serviço parte de uma vivência particular e vínculo com a narrativa a ser comunicada, assim como do respeito aos saberes empíricos de uma comunidade, esta comunicação se torna capaz de criar pontes entre gerações e culturas. Pois assim oferece caminhos de retorno e de retomada das identidades e memórias de povos que sofreram e que sofrem tentativas constantes de dizimação, através do epistemicídio e etnocídio desde o período de colonização.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GTNE03 - Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Graduanda em bacharelado em Jornalismo no Centro de Comunicação, Turismo e Arte da Universidade Federal da Paraíba.

³ Orientador do trabalho. Professor adjunto do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Doutor e mestre em Antropologia pela Universidade de Brasília (PPGAS/DAN/UnB), com graduação em Ciências Sociais na Universidade Federal do Piauí (UFPI).

São diversos os saberes que tendem a ser esquecidos pelo mundo capitalista no atual período do antropoceno, sendo a comunicação contracolonial, em diálogo com a perspectiva apresentada por Antônio Nego Bispo (2023), um modo de superar a lógica colonial e hegemônica.

Assim, registrar memórias e diálogos poéticos e pedagógicos intergeracionais e interculturais a partir dos saberes e gestos que envolvem práticas de proteção e de resistência como o simbolismo do patuá em sua materialidade e poesia, é revelar por trás da cortina do esquecimento um Brasil afrodiaspórico e originário presente e vivo em nossa identidade. Considerando também a particularidade do Nordeste, bacia de quilombos e de uma grande diversidade de povos indígenas que seguem resistindo contra as políticas de morte, assim como em todos os territórios do mundo.

METODOLOGIA

Optou-se para fins desse estudo uma análise qualitativa com abordagem autoetnográfica, em contato interdisciplinar com a antropologia visual para a criação de um produto audiovisual de registro, documentação e comunicação acerca do simbolismo do patuá, por meio de uma experimentação poética de imagem- som e da colheita e partilha de experiências coletivas acerca do tema.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O antropoceno é um conceito que se refere a uma nova era geológica marcada pelo impacto significativo das atividades humanas no planeta mediante práticas sustentadas por um sistema capitalista baseado na exploração de recursos e na expropriação de forças e territórios para obtenção de lucros. No artigo “Colonialismo, *plantation* e antropoceno: o controle sobre os corpos e territórios”, João Dornelle Ramos (2023) discute a relação entre o antropoceno, o capitalismo e o colonialismo em um combo de enfraquecimento dos corpos e comunidades.

Nesta abordagem, o colonialismo seria a base tanto para a manutenção da exploração de pessoas, como também das demais espécies do planeta, sendo um impulso para o desenvolvimento do antropoceno por meio da normalização de práticas devastadoras contra corpos e territórios. Ramos explica:

“O colonialismo – estabelecido no final do século XV e início do século XVI, no acontecimento da “descoberta da América” – estabeleceu a difusão da *plantation*, que culminou em alterações planetárias, iniciando-se, assim, uma nova era

geológica, que hoje conhecemos como Antropoceno. Esse período é marcado por genocídios, ecocídios e epistemicídios, em que as terras e os territórios dos povos indígenas foram expropriados pela violência colonizadora.” (RAMOS, 2023. p. 17).

No contexto de um Brasil devastado pelas violências coloniais e pelas diversas políticas de esquecimento e de domínio que prevalecem com o objetivo único de manter o poder de uma minoria oligárquica, inclusive no jornalismo, é revolucionário pensar a comunicação numa perspectiva contracolonial. Sob a luz de Antônio Bispo dos Santos (2023), pensador quilombola e lavrador formado por mestres e mestras do ofício, que comunica desde sua comunidade um “modo de vida diferente” orgânico, nos juntamos ao coro que tem adotado o termo contracolonial como estratégia para “enfraquecer o colonialismo”. É o que discorrem os autores no artigo “Decolonialidade e comunicação contracolonial no tempo das catástrofes”, de 2023:

“Para esses povos que resistem à colonização, não se trata de se engajar em um processo de decolonização da comunicação, porque seus processos comunicativos nunca foram colonizados, por isso uma comunicação contracolonial, tomando aqui emprestado o conceito de contracolonial de Antônio Bispo dos Santos (2023). As tecnologias aparecem dentro desse contexto como aliadas em processos de confluência, não sendo reduzidas à mera instrumentalidade, tentáculos da colonialidade do poder.”(AGUIAR, 2023; SILVA, 2023, p. 32)

É preciso fazer um movimento de *Sankofa*⁴, ou seja, de retorno para buscar o que esqueceu, encontrando recursos para se realizar um futuro liberto e, assim, reconstituir a memória e a identidade em um processo de reafirmar a liberdade de corpos afrodiaspóricos e originários. Entendendo este corpo como “lugar de memória” (MARTINS, 2003), metaforicamente um corpo- patuá, sendo um recipiente portador de memórias de uma “migração transatlântica”(Ôri,1989), que estão grafadas nas diversas performances da oralitura (MARTINS,1997) e são manifestadas pelos povos negros do Brasil em seus cantos, rezas e festividades culturais.

Trata-se também de um diálogo com o entendimento de um “corpo- documento” afirmado por Ana Maria Gonçalves, autora de “Um defeito de Cor”, em entrevista para o portal Opera Mundi ao dizer que “Quando qualquer corpo negro de algum país que tenha

⁴ Em ganês, "sankofa" significa "voltar e buscar" ou "retornar para pegar". O símbolo é frequentemente representado por um pássaro com a cabeça voltada para trás, ou por duas voltas espelhadas, representando o coração

passado pela escravidão chega em algum lugar, esse corpo é um documento, é história por si só”. Nesta perspectiva, a memória trazida em cada corpo- patuá, conceito que inicio nesta pesquisa, constitui também o “feitiço” de resistência e proteção não só do indivíduo, mas de toda a comunidade que busca se manter íntegra diante das violências por meio da tradição viva (BÂ, 2010).

A ideia do projeto documental surgiu de uma experiência pessoal com o patuá que me foi repassado por mulheres da minha família. Uma bolsinha costurada em couro despertou minha curiosidade ainda na infância. Segundo minha tia, a portadora do patuá antes de mim, aquele objeto guardava uma oração feita por uma das avós para que ninguém da família quebrasse o osso e assim foi sendo repassada de geração para geração pelas mãos das mulheres.

Em 2018 descobri que se tratava de um símbolo ancestral com o nome de patuá ao ler um texto sobre a bolsa de mandinga dos povos Malês⁵, também conhecidos no Brasil como *mandingueiros*, pois traziam perto do peito uma bolsa de feitiço que muitas vezes escondia suas orações devido a perseguição colonial cristã. O texto citava o patuá como um “instrumento poderoso contra as mazelas do mundo material e espiritual.”, palavras de Eduardo Sabag, Olúwo e Elèşù do Ilê Obá Ketu Axé Omi Nlá, em entrevista para o portal de notícias Carta Capital realizada por Renata Coutinho. Ele continua a definição:

“Além de nos fortalecer, ajuda a manter vivos antigos saberes. Ele funciona como uma esponja, limpando toda negatividade. Os feitos de chifre podem ser colocados dentro de uma casa ou até mesmo na empresa para trazer prosperidade e os confeccionados em sacos podem ser levados junto ao corpo. Os patuás combinam diversas energias e são compostos por elementos da natureza, como terra de bons lugares, ervas e folhagens, ossos, penas e peles de animais” (Eduardo Sabag, 2022, em entrevista para Carta Capital)

Assim que recebi o patuá, logo desobedeci a orientação e o abri na busca por minha identidade. Pensei que pudesse encontrar alguma língua que remetesse ao meu lugar em África, mas o que encontrei foram palavras rasuradas com orações por liberdade para um santo do catolicismo popular. Desde então pude vivenciar minha identidade por meio do que a materialidade e a poética do patuá poderiam revelar sobre uma ciência ancestral e coletiva.

⁵ Povo de África, mais especificamente do reino do Mali, originários da Bacia do Rio Níger, representados pelas etnias haussá, iorubá, nupe e bornu, e ligados ao islamismo, eram chamados na África de *malinke*.

CONTRIBUIÇÕES DA PESQUISA

Utilizar o audiovisual para retomar saberes ancestrais sobre o patuá, que nas religiões de matriz africana e originárias tem um significado ancestral, é assumir um modo contracolonial de comunicação. Sendo este um símbolo portador de memórias coletivas que mantém viva a cultura dos diversos povos que se encontraram em terras americanas, criando novos sentidos através de um sincretismo de resistência cultural.

Desta forma, esta pesquisa poderá construir para a compreensão coletiva de relações interculturais, identitárias e intergeracionais que partem de temáticas como espiritualidade, ancestralidade, sincretismo religioso, assim como os rituais e cantos que fazem parte da cultura e identidade de povos negros e indígenas presentes no nordeste brasileiro.

CONCLUSÃO

O ato de descosturar e abrir a herança da minha família em 2018 foi uma reivindicação pelo direito à memória. O patuá é em si um objeto poético confeccionado e ritualizado por uma ancestralidade com a intenção de ser deixado para uma geração futura, sendo “um símbolo capaz de ser despertado e de despertar alguns dos fragmentos esquecidos durante o tempo”, como escrevi em um artigo a ser publicado chamado “Afrografias do Patuá: um elo entre palavra e memória como feitiço de retorno”.

Durante o desenvolvimento colonial foram muitos os processos de apagamento, esquecimento e de sintetização dos saberes ancestrais dos povos originários e afro-diaspóricos, deslocando identidades na tentativa de dizimação de povos a partir de políticas coloniais de esquecimento. Tais modos permaneceram e se condicionam dentro da perspectiva da colonialidade que se desdobra a partir dos diversos projetos desenvolvimentistas do capital e da própria globalização, que ainda se fundamentam na ocupação de territórios, na exploração do trabalho e na sintetização e apropriação de saberes ancestrais.

Assim, em contraposição e resistência às políticas de esquecimento de si e das nossas comunidades, que segue sendo uma estratégia de enfraquecimento e de exploração, assumir

uma comunicação contracolonial é um ato de considerar as memórias vivas tornando-se importante instrumento contra as violências coloniais, como o próprio racismo e intolerância religiosa.

REFERÊNCIAS

WEDIG, J. C.; RAMOS, J. D. D. **Colonialismo, plantation e Antropoceno: o controle sobre corpos e territórios**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, [s. l.], n. 86, p. 16-30, dez. 2023.

SANTOS, A. B. dos. **A terra dá a terra quer**. São Paulo: Ubu, 2023.

AGUIAR, Carlos; SILVA, Daiane. **Decolonialidade e comunicação contracolonial em tempos de catástrofe**. Revista Usp. seção Cultura e Comunicação na América Latina. 2024.

MARTINS, Leda Maria. **Performances da oralitura: Corpo, Lugar da Memória**. *Letras*, (26), 63–81. <https://doi.org/10.5902/2176148511881>

BÂ, Amadou Hampâté. **A Tradição Viva**. In: KI-ZERBO, Joseph (Org.). História Geral da África I. Brasília: MEC/Unesco, 2010.

NASCIMENTO, Beatriz; GERBER, Raquel. **Ôrí**. Brasil, 1989.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória: o reinado do Rosário do Jatobá**. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições; São Paulo: Editora Perspectiva, 2021.

LIRA, Thaís.(no prelo). **Afrografias do patuá: Um elo entre palavra e memória como feitiço de retorno**. Griots, 2024.

BLUMER, Duda. **A história do Brasil está escrita nos corpos negros', afirma Ana Maria Gonçalves, autora de 'Um Defeito de Cor'**. Opera Mundi, 2024. <https://operamundi.uol.com.br/literatura/a-historia-do-brasil-esta-escrita-nos-corpos-negros-afirma-an-a-maria-goncalves-autora-de-um-defeito-de-cor/>

COUTINHO, Renata. **Epistemologias de terreiro: patuá e seu poder ancestral**. Carta Capital, 2022. <https://www.cartacapital.com.br/opiniao/epistemologias-de-terreiro-patua-e-seu-poder-ancestral/>